

**REVISITAR *THE GRAPES OF WRATH***

*Isabel Maria Fernandes Alves* (UTAD)

**ABSTRACT**

This proposal aims to revisit John Steinbeck's novel *The Grapes of Wrath*, published in 1939. The analysis will focus on the way the work asserts itself, even today, as a between-place, a literary space where humanity faces change – social, geographical, climatic, and a deep division between the powerful and the marginalized. In other words, a contemporary reading of the novel is proposed, with the aim of highlighting how Steinbeck, conscious of the interdependence of humans and other forms of life, as well as of the increasing vulnerability of organisms under human action, imagined characters and developed themes that help us to (re)think our time.

Revisiting *The Grapes of Wrath* in the twentieth-first century constitutes a stimulating exercise. The issues of that time remain pertinent, particularly the idea of change. The theme of transformation plays an important role throughout the narrative, not only through the physical and spiritual displacement of the characters, but also in calling for a change in the reader's mentality, an evolution required for a more harmonious and healthier co-inhabitation of the Earth. Ultimately, in *The Grapes of Wrath* the characters cross multiple borders, breaking down walls that separate the human and the non-human, inciting the reader to ponder different ways of (better) inhabiting the Earth, giving voice to what Aldo Leopold termed as "biotic community".

Keywords: *The Grapes of Wrath*; John Steinbeck; ecological consciousness.

**RESUMO**

Esta proposta tem como objetivo revisitar o romance *The Grapes of Wrath*, de John Steinbeck, publicado em 1939. A análise incidirá sobre o modo como a obra se afirma, ainda hoje, como um entrelugar, um espaço literário onde a humanidade enfrenta a mudança – social, geográfica, climática, e uma divisão profunda entre os poderosos e os marginalizados. Ou seja, propõe-se uma leitura contemporânea do romance, procurando tornar visível o modo como Steinbeck, consciente da inter-relação entre o ser humano e outras formas de vida, bem como da crescente vulnerabilidade dos organismos sob ação humana, imaginou personagens e desenvolveu temas que ajudam a (re)pensar o nosso tempo.

Revisitar *The Grapes of Wrath* no século XXI afirma-se, pois, um exercício estimulante. As questões desse tempo mantêm-se pertinentes, nomeadamente a ideia de transformação. Ao longo narrativa, a transformação tem um papel essencial,

não só através da deslocação física e espiritual das personagens, mas, também, na interpelação à mudança da mentalidade do leitor, evolução necessária para um coabitar mais harmonioso e saudável na Terra. Em última análise, em *The Grapes of Wrath* as personagens cruzam diversas fronteiras, rompendo com as barreiras que separam o humano e o não humano, instigando o leitor a repensar outras formas de (melhor) habitar a Terra, dando voz ao que Aldo Leopold definiu como “comunidade biótica”.

Palavras-Chave: *The Grapes of Wrath*; John Steinbeck; consciência ecológica.

Recebido em 18 de outubro de 2022

Aceite em 11 de fevereiro de 2023

Nos últimos anos, assistiu-se a um reavivar do interesse da academia pela obra de John Steinbeck (1902-1968), nomeadamente com a publicação, em 2020, da biografia *Mad at the World: A Life of John Steinbeck*, de William Souder, e, em 2021, da obra de Gavin Jones, *Reclaiming John Steinbeck: Writing for the Future of Humanity*. Particularmente relevante para o meu argumento de que é pertinente continuar a ler e a interpretar a obra de Steinbeck, sobretudo numa perspetiva ecocrítica, é, igualmente, a publicação de *Steinbeck and the Environment*. Esta obra, para além de capítulos mais gerais em redor do pensamento ecológico de Steinbeck, centra-se em duas obras: *The Grapes of Wrath* (1939) e *The Log from the Sea of Cortez* (1951), este último um texto escrito em colaboração com o biólogo marinho Edward Ricketts, depois de uma viagem no Golfo da Califórnia. De qualquer modo, e como refere Gavin Jones, autor do já citado *Reclaiming John Steinbeck*, sendo a obra de Steinbeck largamente lida, nem sempre é apreciada e estudada de forma uniforme pela academia. Steinbeck nunca esteve confortável num só género, e embora tenha escrito romances que permanecem na história da literatura mundial – *The Grapes of Wrath* (1939), *East of Eden* (1952), *The Winter of Our Discontent* (1961) –, não abandonou o seu gosto pelo ensaio, pela crónica, pelo argumento cinematográfico e pelo texto jornalístico, tendo escrito, a partir da Europa e do Vietname, textos sobre a II Guerra Mundial e sobre a guerra travada pelos americanos no continente asiático, nomeadamente *Their Blood is Strong* (1938), *A Russian Journal* (1948), *Once There Was a War* (1958) e *America and Americans* (1966). Visto por uns como um autor que representa os paradoxos da nação americana, pensando e escrevendo sobre aspetos tão diversos tais como marginalização, deficiência, pobreza e desigualdade social, é visto, por outros, como “didático, sentimentalista e melodramático” (Jones 2021: 1).<sup>1</sup>

Num aspeto os críticos concordam: Steinbeck professa uma visão holística do mundo, próxima da que é veiculada pela ecologia, vendo os seres humanos integrados num sistema maior e interdependente em relação

---

<sup>1</sup> Num outro momento, Jones reitera a originalidade de Steinbeck: “We can reclaim Steinbeck as twentieth-century American literature’s most experimental writer – and not least for his engagement with scientific experiments, which made him biological researcher and novelist both” (2021: 3). De seguida, e respondendo a alguns dos críticos que mais questionaram a obra de Steinbeck, refere: “These critics detected an uncertainty of aesthetic tone, an unevenness in which low-status forms, such as sentimentalism and melodrama, frustrate the compelling, even poetic prose of a social realist” (2021: 3).

a outras espécies e organismos. Refere Gavin Jones: “Opportunities await to develop emerging recognitions of Steinbeck’s importance for environmental and ecological study, his concern with how we are altering our planet, with climatic migration, and with species codependency and extinction” (Jones 2021: 2). A visão de Steinbeck é interdisciplinar, agregando um pendor humanista a uma observação mais científica, sendo, por isso, um autor que privilegia a interação entre os seres humanos e o ambiente onde vivem, algo resumido no subtítulo da obra de Gavin Jones, “Writing for the future of humanity”. Neste sentido, a presente reflexão pretende salientar a ideia de que a obra de Steinbeck expressou no passado o que para nós, leitores no século XXI, é essencial: privilegiar uma epistemologia do cuidado que substitua a epistemologia do domínio, essa que definiu os dois últimos séculos do percurso humano na Terra.

O meu ponto de partida será revisitar *The Grapes of Wrath* a partir de uma perspetiva ecocrítica, um ângulo crítico que é caracterizado por uma premissa fundamental: que a cultura humana é interdependente do mundo físico, moldando-o, e sendo, ao mesmo tempo, moldada por ele.<sup>1</sup> Assim, revisitar *The Grapes of Wrath* em 2022 e analisar o romance a partir de um pendor ecocrítico é um exercício apelativo porque, se por um lado, o romance questiona os custos ambientais do impacto humano sobre o planeta – e Steinbeck considera o fenómeno *Dust Bowl*, as tempestades de areia, um desastre criado por decisões políticas –, por outro lado, o romance lança luz sobre outros modos de pensar a relação com a terra, evidenciando respeito pela natureza e pelos valores intrínsecos dos ecossistemas.<sup>2</sup> Como refere Jones, a produção literária de Steinbeck é, ao mesmo tempo, manifestação biológica, ecológica e política (Jones 2021: 16), elementos que confluem, de forma perfeita, em *The Grapes of Wrath*. Neste romance, Steinbeck demonstra o seu interesse pelo modo como o conhecimento científico, combinado com o interesse pela vida humana e pela interligação com outros organismos vivos,

---

<sup>1</sup> Sobre este ângulo crítico, escreve Lawrence Buell: “environmental criticism today is still an emergent discourse [...] one with very ancient roots. In one form or another the “idea of nature” has been a dominant or at least residual concern for literary scholars and intellectual historians ever since these fields came into being.” (Buell 2005: 2). Para uma análise acerca da evolução da ecocrítica, sugere-se a leitura da introdução que Greg Garrard assina na obra *The Oxford Handbook of Ecocriticism*.

<sup>2</sup> *Dust Bowl*, ou tempestades de areia, foi um fenómeno que atingiu as grandes planícies do EUA nos anos 30, erodindo os solos. A seca severa, juntamente com ventos fortes de areias, permitiram compreender que era necessário desenvolver uma melhor prática entre os elementos naturais (clima, plantas e solo) e as práticas agrícolas.

resulta numa consciência mais aguda sobre a interdependência de corpos e lugares. Uma visão próxima da ética da terra defendida por Aldo Leopold, filósofo e naturalista, que, em “The Land Ethic”, propõe um entendimento moralmente responsável das comunidades bióticas – o solo, as plantas e os animais, o ar e a água. No romance, a visão holística de Steinbeck é perceptível através das descrições do espaço físico e das suas personagens; estas, na sua maioria, são definidas pela fé na interdependência dos ecossistemas. Ou seja, embora o conceito de ambiente, tal como é entendido hoje, fosse desconhecido por Steinbeck, ele estava ciente, por educação e sensibilidade, dos princípios do pensamento ecológico e da relação entre os diferentes organismos num determinado ambiente físico, questionando, ao mesmo tempo, o princípio dominador que caracterizava a relação entre os indivíduos e o mundo natural na sociedade de então.<sup>1</sup>

Na sua forma mais simples, o habitat de um organismo é o local onde ele vive. A utilização do conceito de *habitat* associado a *The Grapes of Wrath* visa realçar o facto de que no romance o espaço geográfico em que surgem as personagens não é apenas um cenário, mas é parte integrante da “ecologia fictícia” (Beegel et al. 1997: 17), tal como proposto em *Steinbeck and the Environment*; para os editores, o trabalho de Steinbeck resulta de uma mente que opera de forma interdisciplinar (Beegel et al. 1997: 19), sustentando que Steinbeck é um romancista que pensa como um ecologista, e que a sua amizade com o biólogo marinho Ed Ricketts operou uma grande influência no modo como entendeu quer a vida quer a ficção. A expressão mais completa e direta da ecologia tal como entendida por Steinbeck – de que a vida do ser humano é interdependente dos ecossistemas que o rodeiam – está bem presente em *The Log from the Sea of Cortez*:

man is related to the whole thing, related inextricably to all reality, known and unknowable. This is a simple thing to say, but the profound feeling of it made a Jesus, a St. Augustine, a St. Francis, a Roger Bacon, a Charles Darwin, and an Einstein. Each of them in his own tempo and with his own voice discovered and reaffirmed with astonishment that all things are one thing and that one thing is all things – plankton, a shimmering phosphorescence on the sea and the spinning planets and an expanding universe, all bound together by the elastic string of time (Steinbeck 1986: 257).

---

<sup>1</sup> A par da referência à obra de Aldo Leopold, publicada em 1949, a possibilidade de colocar em diálogo as obras de John Steinbeck, nomeadamente *The Log from the Sea of Cortez* e *The Grapes of Wrath* e *Silent Spring* (1962) de Rachel Carson, afigura-se-nos uma hipótese igualmente enriquecedora.

Também em *The Grapes of Wrath* o destino da terra está intimamente relacionado com o destino das personagens e vice-versa: depois da destruição do ecossistema da pradaria, a seca origina as tempestades de areia, que, por seu lado, arruinam os solos, sequência que resulta na deslocação forçada dos agricultores. Esgotados o solo e a capacidade dos pequenos agricultores cumprirem com o pagamento das hipotecas, estes são obrigados a deixar as suas terras:

The people came out of their houses and smelled the hot stinging air and covered their noses from it. And the children came out of the houses, but they did not run or shout as they would have done after a rain. Men stood by their fences and looked at the ruined corn, drying fast now, only a little green showing through the film of dust. [...] and the women came out of the houses to stand beside their men (Steinbeck 1987: 3).

O desastre natural está presente desde o início do romance:

In the water-cut gullies the earth dusted down in dry little streams. Gophers and ant lions started small avalanches. And as the sharp sun struck day after day, the leaves of the young corn became less stiff and erect; they bent in a curve at first, and then, as the central ribs of strength grew weak, each leaf tilted downward. Then it was June, and the sun shone more fiercely. The brown lines on the corn leaves widened and moved in on the central ribs. The weeds frayed and edged back toward their roots. The air was thin and the sky more pale; and every day the earth paled (Steinbeck 1987: 1).

A falta de chuva, a que se associa o mau uso da terra e a “mentalidade de exploração” (Berry 1997: 7), produzem consequências devastadoras – não apenas para o solo, mas para os humanos também:

The dawn came, but no day. In the gray sky a red sun appeared, a dim red circle that gave a little light, like dusk; and as that day advanced, the dusk slipped back toward darkness, and the wind cried and whimpered over the fallen corn.

Men and women huddled in their houses, and they tied handkerchiefs over their noses when they went out, and wore goggles to protect their eyes (Steinbeck 1987: 1-2).

Um desastre ecológico que Steinbeck entende ser o resultado da ausência de uma relação emocional com o solo: “No man touched the seed, or lusted for the growth. Men ate what they had not raised, had no connection

with the bread. The land bore under iron, and under iron gradually died; for it was not loved or hated, it had no prayers or curses” (Steinbeck 1987: 38).

Sem possibilidades de continuarem a cultivar “uma relação de comunhão” (Berry 1997: 11) com o solo, o cereal e o pão, e com as hipotecas a clamar pelo dinheiro que não possuíam, os agricultores são obrigados a partir de Oklahoma, abandonando a terra à qual se sentiam ligados, deixando-a para aqueles que ferozmente irão destruir ainda mais os ecossistemas, aqueles que não são agricultores, ou cuidadores, mas técnicos e homens de negócios (Berry 1997: 45). Ao longo do caminho em direção à Califórnia, esses agricultores encontram outros agricultores, e, em conjunto, repetem o mesmo refrão trágico: “I lost my land, a single tractor took my land. I am alone and bewildered (Steinbeck 1987: 165), “And we must think about this” (Steinbeck 1987: 165).

A estrutura da obra vive da alternância entre capítulos de maior pendor filosófico e político, concentrando-se na viagem de todos aqueles que são obrigados a abandonar as suas terras, e os capítulos dedicados à viagem da família Joad, emblemática na sua procura de uma terra de leite e mel na Califórnia. Uma estrutura narrativa que, acrescentaríamos, corresponde ao fascínio de Steinbeck por formas menos puras, híbridas, emergentes e subversivas, que permitam abarcar a diversidade da vida humana e não humana. Segundo Peter Valenti, é nesses capítulos intercalares que se encontra presente a retórica ecológica (Valenti 1997: 93), juntamente com um discurso que evidencia a empatia para com a vida daqueles migrantes, e onde uma linguagem visual forte duplica a dura realidade que as fotografias de Dorothea Lange e de Arthur Rothstein retratam, mostrando, de forma crua, esse período negro da História dos Estados Unidos da América.<sup>1</sup> A duplicação e reforço da realidade, por seu lado, reflete a urgência de Steinbeck em querer documentar o sofrimento humano e as suas causas, e assim contribuir para pôr fim à devastação que, nesse tempo, assombrou lugares e corpos.

Por um lado, as imagens poderosas da destruição do habitat respondem às práticas agrícolas do agronegócio, o seu pleno significado indicando que

---

<sup>1</sup> Peter Valenti resume as dificuldades desse período da história dos Estados Unidos: “When humans broke the grass sod of the Great Plains, they began a process of ever-increasing production that soon robbed the earth of its ability to produce. The Great Depression began with the stock market crash in the fall of 1929; the following spring and summer began a period of sparse rainfall that lasted until 1939. With the great droughts of the early thirties came dust storms that blew away first the topsoil and then the farmers who had depended on that soil to earn a living” (Valenti 1997: 96).

ao destruir a fecundidade da terra, os agrónomos destruíram a fertilidade da sua própria espécie, como simbolizado pela morte do filho de Rose of Sharon. Por outro lado, paralelamente à transformação da terra em pó, o leitor testemunha a formação de uma teia ecológica de inter-relações entre personagens; assim, a um crescimento da terra árida corresponde uma crescente fertilidade das relações (humanas), nomeadamente na valorização da cooperação entre os indivíduos, e de uma crescente consciência da interdependência entre as ações humanas e o destino da Terra. Em *The Grapes of Wrath*, as personagens aprendem que a um habitat mais saudável corresponde uma hospitalidade mais larga, desenvolvendo uma consciência mais aguda acerca da existência de uma teia ecológica e um sentido mais dilatado da sua interdependência uns para com os outros e de todos para com a vida no planeta, criando-se, assim, um horizonte de redenção.

No início da narrativa, o padre Jim Casy pede para acompanhar a família, pois mais do que continuar a pregar a força do espírito, quer partilhar o destino dos Okies; quer viajar com eles para Oeste, pois o seu sentido de sagrado tinha-se expandido, como confessa à família Joad: “I went into the wilderness like Him [...]. Sometimes I’d pray like I always done. On’y I couldn’ figure what I was pryin’ to or for. There was the hills, an’ there was me, an’ we wasn’t separate no more. We was one thing. An’ that one thing was holy” (Steinbeck 1987: 88). Casy propõe-se aproximar-se da natureza e das pessoas: “I’m gonna work in the fiel’s, in the green fiel’s, an’ I’m gonna be near to folks. [...] I’m gonna try to learn. [...] Gonna lay in the grass, open an’ honest with anybody that’ll have me” (Steinbeck 1987: 101-2). A sua vontade de estar mais próximo da natureza corresponde ao seu desejo de se aproximar daqueles que sofrem, de tal modo que Marylyn McEntyre o vê como um curador (McEntyre 1997: 117). Tal como os corpos são obrigados a deslocar-se, também as almas se movem; Tom Joad, o filho acabado de regressar ao seio da família, depois de ter estado preso, vê que já não tem casa, e embora no final do romance seja a personagem que mais marcadamente abdica de um ‘eu’ para ser um ‘nós’, no início da viagem duvida da possibilidade de integrar Casy na família já numerosa, e, apreensivo, questiona a Mãe Joad: “An’ kin we feed a extra mouth? [...] Kin we, Ma?”, ao que a mãe responde: “It ain’t kin we? It’s will we? [...] As far as ‘kin’ we can’t do nothin’, not go to California or nothin’; but as far as ‘will’, we’ll do what we will” (Steinbeck 1987: 111). As personagens percorrem, assim, a Estrada de Damasco, aprendendo a ver, e, nessa nova visão, aceitando não só a necessidade de entreatada – entre a família, entre



os outros migrantes –, mas aceitando respeitar a Terra. Fazendo ecoar o pensamento transcendentalista, Jim Casy sintetiza o movimento quando, mais tarde, no funeral do avô Joad, repetir: “All that lives is holy” (Steinbeck 1987: 157). Esta visão, como afirma ainda Marilyn McEntyre, implica uma espécie de humildade, uma rejeição do antropocentrismo míope que distorce a nossa compreensão em relação ao funcionamento de todos os sistemas, dos grandes padrões de evolução, da natureza das comunidades naturais e humanas como um todo orgânico “que transcende a vida e os propósitos de qualquer indivíduo dentro delas” (McEntyre 1997: 115). Exemplo deste entendimento, é a figura de Ma Joad, que replica o poder nutritivo da Mãe Natureza, conquanto não destruído pelas máquinas e pela ganância. Durante a viagem, ela torna-se a figura central da família: “All we got is the family unbroke. Like a bunch a cows, when the lobos are ranging, stick all together. I ain’t scared while we’re all here, all that’s alive, but I ain’t gonna see us bust up” (Steinbeck 1987: 186).

Tanto as palavras de Ma Joad como as de Casy expõem a relevância crescente do já referido sentido alargado de hospitalidade, partilhado por todos os rostos anónimos que percorrem a estrada 66:

And because they were lonely and perplexed, because they had all come from a place of sadness and worry and defeat, and because they were all going to a new mysterious place, they huddled together; they talked together; they shared their lives, their food, and the things they hoped for in the new country. [...] The loss of home became one loss, and the golden time in the West was one dream (Steinbeck 1987: 213).

Assim, a transformação que a viagem ao longo da Highway 66 irá operar na família, a do movimento de um “eu” para um “nós” (Steinbeck 1987: 165), engloba também uma noção mais ampla de mundo como a já aqui referida – que inclua a preocupação para com o solo, a água, as plantas e os animais. Enraizada em *The Grapes of Wrath* está, pois, a ideia de uma ética do cuidar, reposicionando o papel do ser humano como parte da comunidade da vida, juntamente com as demais espécies.

Mas se os agricultores deixaram em Oklahoma ecossistemas destruídos, na Califórnia, a região para onde se dirigem os migrantes atraídos pelas histórias acerca de casas rodeadas de laranjais, o solo encontra-se devastado devido a uma agricultura intensiva e ao atropelo das decisões humanas. Como lembra David N. Cassuto, ao chegarem à Califórnia, os migrantes (já não agricultores) tomam consciência da dependência da água: “The growers

– owners of the irrigation channels, centrifugal pumps, and watertight mansions, control it – while the Okies, starving and drenched, are at its mercy” (Cassuto 1997: 58). Segundo o crítico, a ideia de jardim associada à tradicional fertilidade daquela região não está relacionada com o ideal estético, mas, antes, utilitário; o jardim havia-se transformado num paraíso onde homens e máquinas subjugam a natureza: “Those tools had brought water to the desert via centrifugal pumping and, more important, through the diversion of rivers” (Steinbeck 1987: 68). Ao longo da viagem, homens e mulheres apercebem-se da transformação da paisagem: “They were not farm men anymore, but migrant men. And the thought, the planning, the long staring silence that had gone out in the fields, went now to the roads, to the distance, to the West” (Steinbeck 1987: 215).

Como já mencionado, em *The Grapes of Wrath* Steinbeck investe na possibilidade de o leitor poder ler o romance de acordo com diferentes sentidos, desde logo a partir da divisão entre capítulos que abordam questões mais gerais relacionadas com a viagem dos migrantes, os diferentes usos da terra que estes vão encontrando ao longo do percurso e a consequente transformação espacial e social associada a esse movimento e alteração, e os capítulos que retratam esses mesmos temas mas centrados nas vivências da família Joad. No capítulo dezanove, por exemplo, encontra-se um momento de particular significado para o meu argumento pois aí se torna clara a sensibilidade de Steinbeck para com questões que, hoje, designaríamos ambientais. Tal como nos capítulos iniciais se havia retratado a mudança da relação entre os que trabalham a terra e o sentido de posse - para os agricultores, ‘possuir’ significa cuidar -, no referido capítulo narra-se a deslocação de afeto para com a terra, agora situada na Califórnia. Como se refere, esse território, no passado, pertenceu ao México e aos mexicanos, mas estes não resistiram à avidez dos americanos: “The Mexicans were weak and fled. They could not resist, because they wanted nothing in the world as frantically as the Americans wanted land” (Steinbeck 1987: 254). Depois de instalados, os americanos iniciam um processo de mecanização da terra e do pensamento, afastando-os de uma relação essencial com os elementos:

And the hunger was gone from them, the feral hunger, the gnawing, tearing hunger for land, for water and earth and the good sky over it, for the green thrusting grass, for the swelling roots. They had these things so completely that they did not know about them any more. They had no more the stomach-tearing lust for a rich acre and a shining blade to plow it, for seed and a windmill beating its wings in the air. They arose in the dark no more to hear the sleepy

birds' first chittering, and the morning wind around the house while they waited for the first light to go out to the dear acres. These things were lost, and crops were reckoned in dollars, and land was valued by principal plus interest, and crops were bought and sold before they were planted (Steinbeck 1987: 254-5).

A perspectiva que Steinbeck oferece é apenas um dos ângulos de destruição do solo, mas que, em última análise, nos conduziu, não apenas a uma crise ecológica, mas, como sintetiza Wendell Berry, a uma outra, esta na origem de todas as outras, a crise de carácter (Berry 1997: 17). Assim, *The Grapes of Wrath* é ainda relevante na leitura da crise ambiental contemporânea: “And it came about that owners no longer worked on their farms. They farmed on paper; and they forgot the land, the smell, the feel of it, and remembered only that they owned it, remembered only what they gained and lost by it” (Steinbeck 1987: 256). Existe uma violência invisível nesta afirmação, que Jones relaciona com a ‘violência lenta’ referida por Rob Nixon: “[the slow violence] often remains formless and stays out of sight: it is pervasive yet elusive” (Jones 2021: 139).<sup>1</sup> Contudo, Steinbeck não deixa de lembrar o grande ciclo das estações, o grande movimento do mundo, esse que passando despercebido aos novos agricultores e aos migrantes na estrada, mantém uma certa ordem no mundo. Contrariamente à migração forçada dos migrantes, a das aves é manifestação de vida, e, neste caso, para Pa e Ma Joad símbolo de uma vida passada onde prevalecia uma ordem natural:

I seen the ducks today [...]. Wedgin' south – high up. Seems like they're awful dinky. [...] An' the ducks drivin' on down, wedgin' on down to the soutward. [...] Remember what we'd always say at home? ‘Winter's a-comin' early,’ we said, when the ducks flew. [...] Look – more ducks. Big bunch. An' Ma, ‘Winter's a-comin' early (Steinbeck 1987: 357-8).

Steinbeck narra histórias de ligação entre humanos e não humanos; o seu objetivo é o mesmo que descreve a reação dos migrantes, quando, reunidos ao fim do dia, ouvem histórias: “And the people listened, and their faces were quiet with listening. The story tellers, gathering attention into their tales, spoke in great rhythms, spoke in great words because the tales were great, and the listeners became great through them” (Steinbeck 1987: 360). Ou seja, o objetivo é que o leitor possa tornar-se mais compreensivo, o seu conhecimento e sensibilidade mais alargados através das narrações que ouve e que lê.

---

<sup>1</sup> Gavin Jones refere-se ao livro de Rob Nixon, *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*, publicado em 2011.

A bela Califórnia com os seus vales e pomares lembra o “país justo”, os “pomares justos”, as “árvores de fruto” e as “boas colheitas” que Jean de Crèvecoeur descreve em *Letters from an American Farmer*, publicadas para um público europeu, em finais do século XVIII. A paisagem californiana na primavera é uma mancha de esperança:

Valleys in which the fruit blossoms are fragrant pink and white waters in a shallow sea. Then the first tendrils of the grapes swelling from the old gnarled vines, cascade down to cover the trunks. The full green hills are round and soft as breasts. And on the level vegetable lands are the mile-long rows of pale green lettuce and the spindly little cauliflowers, the gray-green unearthly artichoke plants (Steinbeck 1987: 382).

Contudo, para os Joads e para todos os outros migrantes as uvas revelam-se impossíveis e, por isso, amargas: “An’ you never seen such purty country – all orchards, an’ grapes, purtiest country you ever seen. An’ you’ll pass lan’ flat an’ fine with water thirty feet down, and that lan’s laying fallow. But you can’t have none of that lan’” (Steinbeck 1987: 225). A Califórnia não é a Terra Prometida e a situação vivida pelos migrantes é, antes, a representação da vida humana depois da expulsão do Paraíso:

There is a crime here that goes beyond denunciation. There is a sorrow here that weeping cannot symbolize. There is a failure here that topples all our success. The fertile earth, the straight tree rows, the sturdy trunks, and the ripe fruit. And children dying of pellagra must die because a profit cannot be taken from an orange. (Steinbeck 1987: 385) Como consequência, “in the souls of the people the grapes of wrath are filling and growing heavy, growing heavy for the vintage” (Steinbeck 1987: 385).

Estas palavras de desencanto poderiam ser proferidas por Casy, Tom ou Ma Joad, pois qualquer um deles, juntamente com muitos outros, tinham visto o rosto do sonho simbolizado pela ideia da Califórnia – “where it’s rich an’ green” (Steinbeck 1987: 211). Porém, quando chegam ao Oeste, os migrantes verificam que uma agricultura baseada na exploração dos trabalhadores e um pagamento impróprio do trabalho realizado os despojavam, novamente, de dignidade. De novo testemunharam uma agricultura assente na destruição dos ecossistemas; para aumentar o lucro, a fecundidade dos pomares da Califórnia assenta em técnicas inovadoras, mas, que, ao mesmo tempo, destroem a relação humana com a terra: “Men who experiment with seed, endlessly developing the techniques for greater crops

of plants whose roots will resist the million enemies of the earth (Steinbeck 1987: 382)”. A fertilidade da Califórnia esconde, pois, homens que lançam produtos químicos aos pomares e às vinhas, fazendo com que o fermento não transporte o odor forte do vinho, mas um cheiro a podridão e a químicos. Por isso, como refere David Wyatt, os Joads não chegam ao jardim, antes, ficam à porta: “the Joads will stand at the garden’s gate, because it won’t be possible for them to fulfill Ma Joads’ dream of a nice place in California, “never cold. An’ fruit ever’place, an’ people bein’ in the nicest places, little white houses in among the orange trees” (Wyatt 1986: 98).

No final do romance, a família não encontra um lugar idílico na Califórnia, mas a sua visão do mundo foi alterada pela experiência vivida na estrada, um contexto que permite compreender melhor o gesto de Rose of Sharon de dar o peito a um homem faminto. Afinal, o bebé nascera morto e a fome estava à sua frente: “All the travellers get to California, but only a few find the Eldorado of the integrated and expanded self because they travel a spiritual road contiguous to the highway of flight, Highway 66” (Garcia 1990: 46). David Wyatt concorda: “The novel never delivers more than a momentary stay against the confusion of moving on. Man is the thing always on the way, and ‘way’ becomes the word that here takes in the emerging sense of the finality of death and the uncertainty of life” (Wyatt 1986: 149).

Nas últimas páginas, sob uma chuva diluviana, e após a morte de Casy, a perda do bebé e a fuga de Tom, os Joads vão para um lugar seco, um celeiro sem uma das portas, pormenor que condensa e intensifica o significado do romance, se se pensar que este não se circunscreve a ser uma narrativa sobre as dificuldades dos migrantes no caminho para a Califórnia, mas que ilumina, também, a aprendizagem que cada vida humana terá de realizar em caminho aberto: “It is not just a book about the difficult ‘way’ to California; its subtle rhetoric generalizes the project into the problem of learning to live in existential time” (Wyatt 1986: 149). Deste modo, Steinbeck – e o leitor com ele – está também a revisitar um modo de pensamento mais egocêntrico, mostrando as suas limitações e lacunas, convidando, por isso, os indivíduos a expandir a sua noção de solidariedade - para com os seres humanos, os animais e as plantas, apelando a uma coexistência harmoniosa. Também nós, leitores, somos convidados, seguindo Casy, Tom e Ma Joad, a reconhecer a necessidade de cooperação entre organismos, assegurando que a ética (quando não a estética) seja restabelecida na abordagem à multiplicidade da vida. Em *Mad at the World*, pode ler-se:

In biology, life finds a way. The great diverse multitudes of species evolve and survive through eons of tumult, crowding into every corner of the earth. Life is fraught, but living things do not give up. Which was another way of saying that whatever else Steinbeck put into his books, the most important was hope” (Souder 2020: 248).

A tartaruga, que no início do romance avança sem hesitações, impulsionada pela inata vontade de viver, funciona como símbolo – “do processo ecológico, migração, saber popular e perseverança” (Jones 2021: 132); como ela, assim os Joads atravessam a estrada e as dificuldades. O gesto de Rose of Sharon, no final do romance, significa isso mesmo: não desistir e lutar pela vida.

Se, por um lado, Steinbeck propõe para o entendimento das dificuldades dos migrantes num contexto particular da história dos Estados Unidos da América a aliança entre o saber científico e humanístico, por outro lado, o sentimentalismo presente em alguns dos momentos do romance sublinha, precisamente, aquilo que Gavin Jones descreve como a salvação através do amor maternal (Jones 2021: 6); além do mais, refere: “Here the sentimental becomes an agent of social critique and a call for a radical transformation toward higher values, based on a democratic extension of humanity to others” (Jones 2021: 6). Assim, a linha de leitura que orientou a minha reavaliação do romance sublinha, por um lado, a atenção e relevo que John Steinbeck confere à inter-relação entre os seres humanos e os ecossistemas da Terra, uma forma de entendimento do mundo, que, segundo o autor, devemos cultivar no sentido de sobrevivermos, fazendo-o com esperança no futuro. Por outro lado, defendo que, neste sentido, *The Grapes of Wrath* é um exemplo conseguido daquilo que Lawrence Buell apresenta como desígnio da perspectiva ecocrítica: cultivar e reforçar uma preocupação sobre o destino da Terra e sobre a responsabilidade humana em agir, sobre a vergonha da injustiça ambiental, e sobre a importância da consciência e da imaginação na mudança de mentes, vidas e políticas (Buell 2005: 133).

## Referências bibliográficas

- Berry, Wendell. 1997. *The Unsettling of America. Culture & Agriculture*. San Francisco: Sierra Club Books.
- Beegel, Susan F., et al. 1997. *Steinbeck and the Environment. Interdisciplinary Approaches*. Tuscaloosa and London: The University of Alabama Press.
- Buell, Lawrence. 2005. *The Future of Environmental Criticism. Environmental Crisis and Literary Imagination*. Oxford: Blackwell.
- Cassuto, David N. 1997. "Turning Wine into Water: Water as Privileged Signifier in *The Grapes of Wrath*". In Beegel, Susan F., et al. *Steinbeck and the Environment. Interdisciplinary Approaches*. Tuscaloosa and London: The University of Alabama Press: 55-75.
- Garcia, Reloy. 1990. "The Rocky Road to Eldorado: The Journey Motif in John Steinbeck's *The Grapes of Wrath*". In Hayashi Tetsumaro (ed.), *Steinbeck's The Grapes of Wrath: Essays in Criticism*. Steinbeck Essay Series, nº 3: 38-48.
- Garrard, Greg. 2014. "Introduction". In Greg Garrard (ed.), *The Oxford Handbook of Ecocriticism*. Oxford: Oxford University Press: 1-24.
- Jones, Gavin. 2021. *Reclaiming John Steinbeck: Writing for the Future of Humanity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Leopold, Aldo. 1987. *A Sand County Almanac and Sketches Here and There*. Oxford: Oxford University Press: 201-226.
- McEntyre, Marilyn C. 1997. "Natural Wisdom: Steinbeck's Men of Nature as Prophets and Peacemakers". In Beegel, Susan F., et al. *Steinbeck and the Environment. Interdisciplinary Approaches*. Tuscaloosa and London: The University of Alabama Press: 113-124.
- Souder, William. 2020. *Mad at the World. A Life of John Steinbeck*. New York: W.W. Norton & Company.
- Steinbeck, John. 1987. *The Grapes of Wrath*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Steinbeck, John and E. F Ricketts. 1986. *The Log from The Sea of Cortez*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Valenti, Peter. 1997. "Steinbeck's Ecological Polemic: Human Sympathy and Visual Documentary in the Intercalary Chapters of *The Grapes of Wrath*". In Beegel, Susan F., et al. *Steinbeck and the Environment. Interdisciplinary Approaches*. Tuscaloosa and London: The University of Alabama Press: 92-112.
- Wyatt, David. 1986. "Steinbeck's Lost Gardens". In David Wyatt, *The Fall into Eden. Landscape and Imagination in California*. Cambridge: Cambridge University Press: 124-157.